

Campanha de descrédito

O ministro da Fazenda, Dílson Funaro, embarca dia 19 para a França, a fim de cumprir mais uma etapa da penosa negociação de nossa dívida externa, no Clube de Paris, debaixo de uma das mais implacáveis campanhas de descrédito de que se tem notícia em nossa história republicana. Funaro deixa uma estridente torcida negativa, o derrotismo manipulado e a divulgação deliberada de seus eventuais sucessores, tudo para colocá-lo em situação desconfortável perante a banca internacional. O que se quer é tomar dele essa tarefa que, em outras mãos e em outros tempos, foi fonte de gordas negociatas.

Não é difícil entender porque a atual equipe econômica vêm sendo objeto de campanha sistemática. Talvez seja porque até agora nenhum de seus integrantes foi acusado de extorquir comissão por seus despachos, de engordar contas na Suíça, de favorecer interesses de bancos estrangeiros, de olho em futuros empregos, em dólares. Talvez exatamente por isso seja tão atacada. São os especuladores, habituados a ganhar mais dinheiro no jogo de papéis que em atividades produtivas. Empresários que se acostumaram a negócios escusos à sombra do poder e que não sabem mais agir honestamente, mesmo na certeza de obter maiores lucros. Os que transavam empréstimos externos, apenas de olho nas propinas. Os que estão saudosos dos vícios do autoritarismo.

Todo esse coro que tem nítida inspiração liberticida visa, em primeiro lugar, a destruir psicologicamente, a abalar a confiança da equipe de estruturalistas e que tem, pela primeira vez em nossa história, a oportunidade de aplicar suas teorias na administração do país.

O que se quer é a reentronização do grupo Delfim Netto. O que se pretende é colocar novamente na renegociação de nossa dívida externa gente como Tony Gebauer, que exerceu tais funções até há bem pouco tempo é que está prestes a ver o sol nascer quadrado, durante pelo menos quatro anos, nos Estados Unidos, pelo trambique que deu ao banco em que trabalhava. O que se deseja é a volta da inflação e dos lucros astronômicos dos bancos e dos especuladores. Das negociatas aqui e no exterior, de preferência sob censura e garroteamento das liberdades. E, de novo, muita gente da FIESP, abrindo as burras para o financiamento das câmaras de torturas do DOI-CODI.

Porque, no fundo, o motor dessa campanha contra a Nova República, é a nostalgia da ditadura militar, de seus procedimentos administrativos e de seus costumes políticos, dos interesses subalternos que se enroscavam no tronco da máquina administrativa ao longo de vinte anos.

Primeiro, porém, delenda Funaro, para abrir, novamente, espaço para Delfim, Galvêas, Gebauer, Langoni, Pastore, Paim Cunha etc.